

*Onde estou?
Aí está o meu primeiro pensamento,
depois de uma vida de escuta.
Dessa pergunta,
que resta sem resposta,
saltarei a outras,
de ordem mais pessoal,
bem mais tarde.*

(Samuel Beckett em O inominável)

Primeiro o onde, depois o quem. Na epígrafe acima, o espaço se sobrepõe à pessoa. Ele é prioritário para o personagem pensar a si mesmo. O onde é a pergunta primária. E ela restará sem resposta.

O onde é uma das preocupações geográficas quando se pensa o espaço.

Seguindo o pensamento de Doreen Massey, espaço é lugar, é lugar do outro, das trajetórias distintas de nós próprios, com as quais negociamos cotidianamente a existência dos territórios que criamos e onde agimos. A convergência de múltiplas trajetórias configura-se em lugar singular, sempre aberto, em constante devir. Cada encontro de trajetórias se faz em acontecimento. Cada acontecimento é pleno de potencialidades para proliferar. Cada proliferação pode ser traduzida como vida, vida sendo entendida como aquilo que se transforma a si mesma, sempre outra, sempre em devir, em constante perguntar-se “onde estou”? Vida inominável por nunca se saber o quê, pois configurada de conexões com o que está fora de si, no espaço... ao redor... o ao redor sendo cada dia mais amplo.

Cada proliferação de vida pode ser tomada como a mudança nalguma trajetória e se faz como evento. Cada lugar deve ser tomado como a eventualidade destas vidas em proliferação nos encontros de suas histórias-até-aqui, naquele lugar.

O onde, num espaço concebido como eventualidade, é sempre provisório, sem resposta, inominável como a vida, qualquer vida.

Só é possível nomear um lugar com um nome fixo se o espaço é concebido como uma superfície sobre a qual se dispõem os lugares, fixos em sua disposição. Num espaço tomado como eventualidade, sendo eventualidades cada um de seus lugares, o nome de cada lugar viria da geografia que dele configurarmos em nossos pensamentos, em

Apresentação

nossas experiências-até-aqui em relação a ele. Lugar e espaço cambiantes, frutos mesmo da política do pensar e do viver diário, parte do pensar-se a si mesmo, o onde já sendo o eu, o eu já sendo composto pelo fora de si, lá onde o onde nos espera... outro.

SOB E SOBRE

Este dossiê, *Imagens, geografias e educação*, se fez em continuidade ao dossiê *A educação pelas imagens e suas geografias*, publicado na revista *Pro-posições* número 60, de novembro de 2009, por ocasião do Colóquio homônimo ao dossiê. Sob a mobilização gestada na organização do referido dossiê foi gestado o colóquio. Sobre as reverberações advindas do colóquio nasceu o dossiê agora publicado na revista *ETD - Educação Temática Digital*.



As pinturas de Rodrigo Freitas que configuram as capas dos dois dossiês realizam passagens entre um e outro. Estávamos sob o viaduto no primeiro momento, num lugar estranho e bonito a um só tempo, em que sobre nós passavam os ruídos da Geografia Maior, de onde muitos dos autores daquele dossiê eram provenientes.

A escolha daquele lugar submerso na cidade não foi ocasional. Naquele lugar-colóquio buscávamos a proliferação de geografias menores, que só se gestam sem o excessivo brilho e calor do sol, sem o excesso de publicização que só os ambientes privados nos são capazes de fornecer, como diria Hannah Arendt.

E durante o colóquio, sob o viaduto que emoldurava o anfiteatro onde ocorreram suas sessões, foram apresentadas muitas imagens e palavras que nos levaram a pensar geografias menores.

Neste dossiê, estamos já sobre o viaduto.

Por sobre o viaduto vemos a cidade ao longe. Em direção a ela, cidade-geografia maior, deslizam os traços em imagens e palavras dos artigos que se seguem. Vão em direção aos interstícios da cidade já configurada.

No primeiro plano, de onde nós organizadores, Wenceslao Machado de Oliveira Junior, Gisele Girardi e Maria Tereza Paes, os vemos, os artigos são amplos e tomam todo o quadro. É este primeiro plano que trazemos agora aos leitores. Deixamos a cidade-geografia que os atravessa e pode ser entrevista ao longe ser descoberta, imaginada por vocês.

UM A UM

As imagens fazem parte da política do pensar e viver diário do espaço contemporâneo. As imagens fazem parte da política do educar contemporâneo. Elas nos educam também a sermos educados por elas. Nos aprisionam em seus processos de sedução de nossos desejos de ver, realizam em nós diversas políticas da mirada para o mundo, nos configuram como homens e mulheres contemporâneos. Ser contemporâneo é conviver com as imagens, muitas vezes é ser imagem.

Cada artigo a seguir toma as imagens sob um aspecto. Cada um deles nos propõe uma mirada para o mundo da educação. Cada um deles traz, explícita ou implicitamente, uma geografia como maneira de pensar o espaço, um lugar, uma escola. Cada um deles constrói o seu onde estou? ao mesmo tempo que se apresenta a si mesmo como obra da cultura em Geografia, em Educação, em imagens, em palavras.

No artigo que abre o dossiê, Christopher Lukinbeal toma o projecionismo e o perspectivismo como regimes de visão na cartografia e no cinema contemporâneos. Na continuidade de sua argumentação, o autor nos apresenta como *geovisualizações afetivas* podem ser alcançadas ao mobilizarmos o paradoxo cartográfico em montagens e narrativas que assumem a tensão entre estes dois regimes de visão, aparentemente contraditórios, como construtora de espaços e lugares.

O segundo deles, de Antonio Carlos Queiróz Filho, nos coloca diante da proposição de que há uma *política espacial das imagens* na configuração da memória que temos de um lugar, intencionalidades passíveis de serem reconhecidas nas fotografias, fazendo com que elas deixem “de ser tidas como uma *verdade sobre*, para serem assumidas como sendo uma *versão sobre*” um dado lugar.

O terceiro artigo que compõe o dossiê, de Giulia Crippa e Andréa Coelho Lastória, segue um caminho semelhante ao do segundo, mas tomando a fotografia como “uma representação material e imaterial e [também] como uma possibilidade de imagem construída” por uma perspectiva mais subjetiva, apresentando como exemplo o fotógrafo Tony Miyasaka em suas miradas para Ribeirão Preto.

O artigo seguinte, de John Finn, faz um contraponto instigante com o anterior, pois nos apresenta uma cidade em sua vertente imagética de construção social. A partir de outdoors e propagandas espalhados por Salvador, aponta como estas imagens, em sua maioria fotográficas, constroem uma versão da capital da Bahia como uma cidade branca, enquanto os grafites dos muros e postes da cidade trazem a cultura e população negras para a esfera pública.

Da construção de imagens e imaginários de lugares e cidades presentes na realidade social do planeta, o dossiê envereda por três artigos que invertem este movimento do pensamento. Neles, as imagens e imaginários é que nos dão pistas para o encontro do chamado real.

Rodrigo Emanuel Fernandes nos coloca dentro de uma Londres em quadrinhos, criada especialmente para fazer convergir num mesmo espaço geográfico todos os personagens da literatura fantástica inglesa. Um espaço extraordinário onde tempos, lugares e histórias variadas convergem numa única narrativa, numa única cidade.

Elenise Cristina Pires de Andrade e Renato Salgado de Melo Oliveira inventam caminhos em palavras e imagens para fazer convergir num mesmo artigo a carta de Pero Vaz de Caminha, as criaturas desenhadas por Afonso d'Escragnolle-Taunay, os mutantes dos quadrinhos da Marvel Comics dilatados para o cinema de X-Men. Alinhando estes seres aparentemente dispersos, subjaz a pergunta: grafar um lugar, torná-lo conhecido, é já o início da expulsão dos anormais?

Finalizando esta sequência, Ana Maria Hoepers Preve e Karen Christine Rechia nos apresentam dois conjuntos de mapas onde a submissão ao lugar já conhecido, o planisfério político, se manifesta com forças diferentes em dois grupos sociais: professores e presidiários com doença mental. As autoras solicitaram, em oficinas, que as pessoas pervertessem os planisférios e no artigo nos apresentam algumas das obras de cada grupo “no sentido de identificar o que os atravessa, os constitui e os faz diferentes” a ponto de criarem perversões tão submissas quanto audazes.

Serão novamente os mapas as imagens centrais do artigo de Verónica Hollman, mas não mais como obras de oficinas e sim como obras disponibilizadas em livros didáticos de geografia na Argentina. Como globalizar nossos pensamentos acerca do mundo onde vivemos senão a partir da maior convivência com planisférios? Com esta e outras perguntas subjacentes, a autora nos leva a reconhecer algumas maneiras como os mapas participam da construção de imagens e imaginários acerca do mundo, bem como da própria geografia escolar. Ao final aponta como os mapas podem também questionar os estereótipos criados pela tradição cartográfica vigente.

O artigo de Ana Cecília Machado Dias parte de perguntas explícitas: “Quais imagens ao nosso redor despertam a atenção das crianças? O que percebem ao observar a geografia local?” Em seguida a autora relata a experiência escolar realizada com crianças que fotografaram a cidade de Petrópolis, ao mesmo tempo que apresenta algumas das fotografias tiradas por elas. No centro de suas preocupações está a valorização do olhar da criança na criação de mundos, de cidades, de geografias.

Carla Cristiane Nunes e Vicente Paulo dos Santos Pinto elegem, como via de aproximação ao conhecimento do mundo por crianças da cidade de Juiz de Fora, os desenhos por elas produzidos sobre o campo e a cidade. Problematizam estes conceitos e aludem a personagens-imagens como Jeca Tatu e Chico Bento como partícipes da construção desta representação de campo, dissociada da cidade e adjetivada no atraso e no idílico ao mesmo tempo. Concluem enfatizando a relevância da produção destas imagens na compreensão da leitura de mundo das crianças e seu potencial de reconhecimento do objeto estudado.

Finalizando o dossiê, o artigo de Davina Marques, Ivânia Marques e Ludmila Alexandra dos Santos Sarraipa nos apresenta um relato de participação das imagens na constituição de percursos curriculares em três modelos: disciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar numa escola de Campinas. Acompanhamos as fronteiras dos percursos disciplinares de Arte, Literatura, História, Ciências e Geografia serem paulatinamente diluídas no rizoma provocativo e proliferador constituído pelas imagens. Novas histórias, artes, biológicas, geografias brotam dali, do encontro sempre inusitado entre obras da cultura e uma educação onde os rumos e os fins permanecem em aberto...

Wenceslao Machado de Oliveira Junior

Professor no Departamento de Educação,
Conhecimento, Linguagem e Arte;
Pesquisador do Laboratório de Estudos
Audiovisuais – OLHO, ambos da
Faculdade de Educação/Unicamp

Gisele Girardi

Professora adjunta da Universidade
Federal do Espírito Santo;
Tem experiência na área de Geografia, com
ênfase em Cartografia Geográfica, atuando
principalmente nos seguintes temas: ensino de
geografia, cartografia escolar, cartografia
geográfica e recursos hídricos